

Governo deve frear crescimento da economia brasileira em 1997

■ Especialistas apontam avanços, mas destacam persistência de desequilíbrios no país

CORIOLANO GATTO E
CARLOS FRANCO

O país fecha este ano em situação melhor que a de 1995, com um nível de crescimento expressivo decorrente da expansão ocorrida a partir de setembro, mas diante de problemas cruciais como o déficit na balança comercial — importações superando as exportações —, que chegou a US\$ 1,3 bilhão em outubro.

Nesse cenário, as previsões dos participantes do **Balanço Mensal** — Carlos Ivan Simonsen Leal (Fundação Getúlio Vargas), Ciro Gomes (ministro da Fazenda do governo Itamar Franco), Dionísio Dias Carneiro (PUC-Rio) e Edward Amadeo (PUC-Rio) — são de que 1997 será marcado por um pé no freio. As diferenças de opinião ficam apenas por conta da taxa e da forma como será feita essa freada de arrumação.

Os complicadores apontados são: desequilíbrio nas contas públicas, crescimento de importações frente às exportações, a proposta de reeleição e a falta, ainda, das reformas fiscal e administrativa.

“É inegável que a inflação muito baixa provoca mudanças estrutu-

rais. E que, também, estamos numa situação muito melhor do que a anterior. O problema é saber se estamos trilhando a situação do ótimo em economia — que não pode se confundir com o ótimo político — ou não. Sem ajuste fiscal que permita recuperação da capacidade de financiamento, o governo não pode pensar em crescimento sustentável de longo prazo”, disse Carlos Ivan.

Dentro desse mesmo raciocínio, Ciro Gomes defendeu o pacto federativo, o acerto entre a União e os estados. “É difícil fazer, mas é isso que vai determinar uma política fiscal, que é algo permanente”.

Tanto Dionísio Dias Carneiro como Edward Amadeo destacaram que, sem uma reforma fiscal, os desequilíbrios persistem, o que implica manutenção da política atual de juros. Eles divergiram, porém, em relação ao ritmo da atividade econômica. Dionísio disse que não será tão fácil para o governo impôr um desaquecimento à economia.

Dionísio — Eu acho que o governo não tem as alavancas para dar essa freada no ponto certo, soltar no ponto certo. Eu vou divergir do Amadeo (*veja a análise dele na*

página ao lado) e acho que o nível de atividade não está muito elevado. Até tive medo disso em agosto. Os dados, as vendas reais de setembro, por exemplo, medidas pela CNI, caíram 1,5%. Fazendo o ajuste sazonal, isso significa expansão de 0,2 %. O que no ano dá 3,8% de vendas reais.

Amadeo — Mas em doze meses... está dando 17%.

Num ponto do debate, Ciro Gomes disse que se a venda da Companhia Vale do Rio Doce hoje, mesmo que para abater a dívida fiscal da União, não tem mais o mesmo sentido da época do início do governo, e menos ainda se o dinheiro da venda for repassado para os estados. “De Pedro Álvares Cabral a Itamar Franco a dívida pública se consolidou em US\$ 61 bilhões; e essa dívida, em 22 meses de governo Fernando Henrique está em US\$ 180 bilhões, segundo dados de uns trinta dias atrás, e duvido que já não esteja em cerca de US\$ 200 bilhões. E está com o vedor apontado para o céu”, afirmou Ciro, para dizer das suas dúvidas quanto à venda da Vale.

Ciro — Eu defendo a privatiza-

ção espetacular. Estou quase mudando a posição com relação à venda da Vale. Porque se nós mantivermos esse fluxo que está ai, negativo, privatizar um ativo bom para pagar uma despesa corrente é uma burrice inominável, vamos repetir o mau exemplo da Argentina.

Dionísio — Também acho.

Bem, se não há garantias para a venda da Vale, não se pode dizer, da mesma forma, que a economia esteja definitivamente estabilizada. A melhor imagem foi usada por Dionísio Carneiro. “Chegamos no fim do ano com uma taxa de inflação em torno de 8%, caminhando para uma taxa um pouco inferior no próximo ano, com uma chance muito grande de em 1998 ficarmos próximos da inflação externa, sem ter de fato uma perspectiva de uma economia estabilizada. Estabilizada não quer dizer que tenha deixado a inflação para trás, mas quer dizer que deixou a inflação para trás como variável que dominava o dia-a-dia da política econômica, das ações empresariais, dos debates pela imprensa. A inflação migra da página um para a página dezoito do jornal.”